

## METAPOESIA: PARA UMA POÉTICA DA POESIA\* TERCEIRA PARTE: O POETA

ENOQUE BALBINO LIMA\*\*

Doação à Biblioteca da UFPA, deixada  
pela professora do Departamento de  
Educação, Dra. Vani Ruiz Viessi, 1967

### RESUMO

*O Poema – 3a. e última parte da tese apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre para obtenção do título de Livre-Docente. No presente estudo, com base em “pesquisa de campo” e na metalinguagem da poesia, enfoca-se o conceito, natureza e espécies de poemas. Entende-se por poema, no presente artigo, não só o poema convencional, mas toda expressão “poética” (mítica) da “vida” e da natureza. Neste trabalho discute-se especificamente o Poema. O poema escrito, discurso verbal (o “poema que o Poeta escreveu”); o poema da vida (o “poema que Alguém escreveu”) e o poema da natureza (o “poema que Ninguém escreveu”).*

### 1 – INTRODUÇÃO

Embora a pesquisa, através das diversas épocas, correntes literárias e tendências poéticas, tenha tentado realizar e teorizar várias formas de poemas, não há muito a discutir sobre o conceito de Poema na Crítica. Podemos descrevê-lo de diversos ângulos, de acordo com a tendência que norteou sua elaboração: o Concretismo, a teoria do Poema Processo, da Práxis, do poema Clássico, etc. São detalhes irrelevantes que dizem respeito a maneiras diferentes de ser do Poema. Poema seria um conjunto de versos semelhantes, transmitindo uma mensagem poética, uma mensagem poética escrita, de forma fixa ou não, com versos rimados ou brancos, homeométricos ou heterométricos, de ritmo regular ou irregular, etc.

No presente trabalho tentamos descobrir e discutir, na metalinguagem da poesia moderna, formas ou modos de ser do Poema ainda não discutidos pela Crítica Literária. Essa metalinguagem, posto que se apresente camuflada sob o véu da ambigüidade, como não poderia deixar de ser, pela própria natureza, do discurso poético é válida e reflete uma tendência da poesia moderna de indagar sobre a natureza do Poeta, da Poesia e do Poema, o qual posto não seja a poesia, com ela se confunde, muitas vezes, visto serem indissociáveis; não podemos compreender a Poesia sem o Poema e vice-versa.

### 2 – CONCEITO DE POEMA

Quando empreendemos uma pesquisa mais ampla, em que vamos além dos preconceitos de escolas e teorias já existentes, em busca de algo mais sobre Poética, uma poética global, não a Poética sistematizada pela Crítica Literária, constatamos, a partir do pressuposto de que há uma poesia *in natura* e uma poesia atualizada através do Poema<sup>(2)</sup> – que existem 3 espécies de poemas: o poema propriamente dito – mensagem poética escrita, o que o poeta escreveu; o poema escrito pela própria história, manifestação da poesia da “vida”, seja ela lírica, trágica ou dramática – **O poema que alguém escreveu**, autor anônimo e, finalmente, o Poema que nem o homem, nem a história escreveu, mas a própria Natureza, o **Poema que Ninguém escreveu**.

Não pretendemos abordar, nem discutir nenhuma teoria convencional do Poema Concreto, do Poema Processo, da Práxis, do Poema Clássico, etc. Esse trabalho já foi feito pelos mestres como Décio Pignatari, Aroldo de Campos e outros. Coerente com o plano de nossa exposição e a concepção tricotômica do Universo que tem norteado nossa pesquisa, abordaremos e discutiremos três maneiras diferentes de ser do poema, três vias de acesso diferentes à Poesia, essa poesia com maiúscula que enche o bojo do Tudo e do Nada e que transcende os limites de uma

definição. E essas vias de acesso à Poesia é que entendemos por poemas – formas de expressão da Poesia: o Poema escrito na “face” do papel, o poema escrito na “face” da “vida” e o poema escrito na “face” da Natureza.

Já discutimos indiretamente o conceito de Poema quando tratamos do Estado Poemático da Poesia<sup>(2)</sup>. Assim uma nova conceituação sistemática de poema seria mera repetição desnecessária. Mas como o que mais nos interessa, no presente trabalho, não é a conceituação de Poema na crítica, mas na poesia, apresentaremos uma tentativa de conceituação de poema, enfoque poético ou descrição poética do poema:

O Poema,  
no entanto,  
é a encarnação  
a parturição da poesia.  
Da poesia visível,  
da poesia sensível,  
da poesia presente,  
da poesia atual,  
da poesia expressão da arte...  
gerada,  
concebida com todos os pecados de  
[origem  
no seio virgem  
na alma livre do artista,  
no mundo interior e criador  
do Poeta<sup>(4)</sup>.

Emílio de Moura entende o Poema como algo que imprime movimento à

\*Título da tese de Livre-Docência da qual foram extraídos 3 artigos, sendo este o último da série.

\*\*Doutor em Letras e Livre-Docente em Teoria Literária, CCH/UFL.

Poesia, conferindo-lhe forma comunicante, algo que a torna real por dentro e por fora desse micro-universo do poeta. É através do Poema que a Poesia se torna visível, viável, comunicável:

Renasces de ti mesmo e por ti mesmo  
[mo.  
Movimentas o sonho, a poesia e as  
[aventuras imprevisíveis.  
O importante é a tua matéria.  
A poesia só me visita para que te  
[realizes.  
Para que eu te sinta e te compreenda.  
Que caminhos te prendem,  
que ignotas rotas te iluminam?  
Uma rosa se forma entre o teu sorriso  
[e a aurora.

De repente,  
tudo se torna tão irreal  
que te sinto visível<sup>(8)</sup>.

Na concepção de Carlos Nejar, o poema é ainda "a gaveta do tempo sem etiquetas", limpa, saneada dos insetos da rima:

Abre a gaveta do tempo  
Sem etiquetas, poema.  
Abre a gaveta e limpa-a  
do esquecimento.

Tira de seu interior, os abstratos  
temas razões de antigo fervor,  
cartas, dezenas de folhas  
e rolhas de idéias sem cor.

Tira os insetos da rima  
ou se rima ficar: o conforto  
e enterrar o já morto,  
poema, viver é depor.

Depois cerrar a gaveta  
como uma ata  
e a sarça de sons, poesia,  
nunca me farta<sup>(9)</sup>.

### 3 – ESPÉCIES DE POEMAS

#### 3.1. – O poema que o Poeta escreveu

Nos gráficos-modelo que ilustram os pressupostos filosóficos da tese da qual foi extraído este estudo, a figura 1

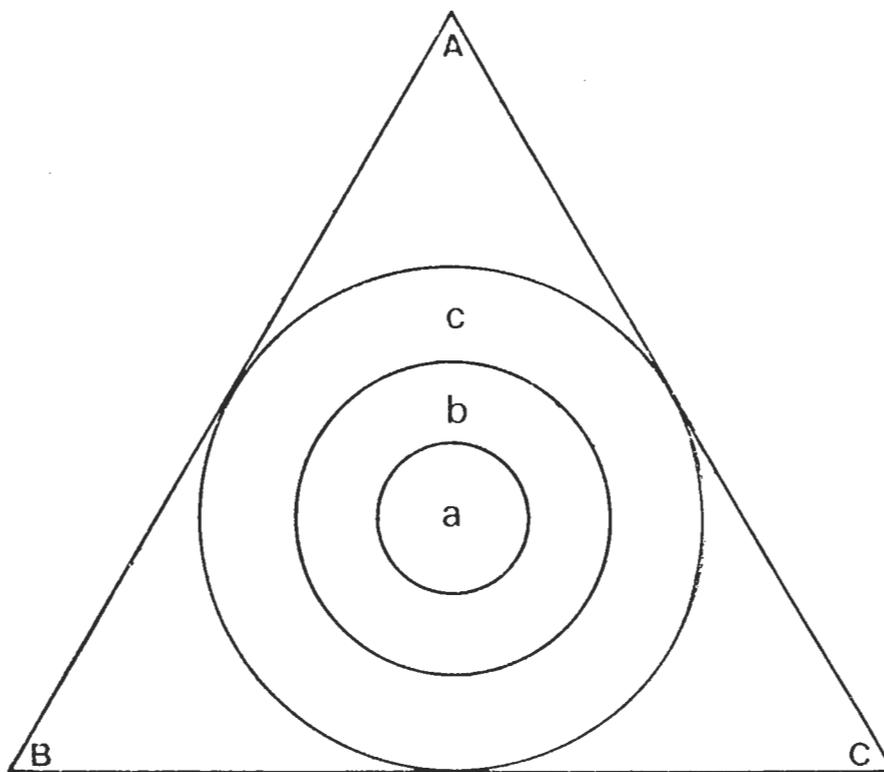


Figura 1 - O ideal poético\*

\* Nesta figura, o triângulo ABC representa o poema, através do qual o poeta tenta comunicar toda sua cosmovisão mítica do universo físico, psíquico e metafísico o que, às vezes, torna-se uma tentativa frustrada, como tão bem o sentiu e exprimiu Drumond: Gastei uma hora pensando um verso/ que a pena não quer escrever/. No entanto, ele está cá dentro/ inquieto, vivo/. Ele está cá dentro/ e não quer sair<sup>(1)</sup>. O "verso" a que se refere Drumond parece-me referir-se à poesia *in natura* que fica para além dos limites do poema, da expressão verbal; a poesia sobre a qual podemos falar, mas que o verso não consegue comunicar com exatidão, mesmo porque a poesia "é a atmosfera de beleza da própria mensagem que cria uma realidade própria"<sup>(6)</sup>, muitas vezes inefável, incomunicável, como tal.

O gráfico representa o ideal poético, um modelo ideal do poema em relação à tricosmologia mítica da poesia. Todo poeta, por mais genial que o seja, na luta pela expressão verbal do Belo, se conscientiza dessa problemática: o universo poético, na sua totalidade absoluta, está além do poder de expressão do poeta, em outras palavras, o poeta, arquiteto do poema, não consegue exprimir toda a poesia idealizada, elaborar um poema que comporte toda a poesia que está no seu mundo subjetivo. A poesia concreta, é aliando o código verbal ao visual, é uma tentativa de suprir essa deficiência do poema. É o emprego de um discurso "pré-simbólico"; uma tentativa de visualização ideogramática da cosmovisão poética. O lutador, cuja arma é a palavra, descobre suas deficiências e tenta, senão substituí-la, pelo menos manejá-la de maneira diferente, mas se convence, por fim, de que esta é a única arma do poeta e continua sua luta, apesar de tudo. O triângulo ABC representa o poema ideal, traduzindo toda a poesia *in natura* contido no universopsíquico, físico e metafísico, representado pelos círculos concêntricos a, b e c respectivamente.

representa a tentativa de visualizar o ideal de traduzir toda cosmovisão poética em discurso, em palavras, no poema escrito. Mas as “palavras estão gastas”, impotentes para traduzir toda grandeza, toda beleza e mistério cósmicos, o que leva, às vezes, o poeta a um estado de frustração que ele exprime de maneiras as mais diversas, através da poesia, que assume um papel crítico, como a poetisa Lila Rapoll, para quem as palavras estão gastas e descoloridas:

As palavras estão gastas  
e sem cor. As palavras  
São suspiros ritmados  
benevolentes fantasmas  
bem vestidos.

A verdadeira poesia, a invisível,  
toca de leve a fímbria  
dos meus versos. Mas permanece  
intacta no seu mundo<sup>(12)</sup>.

Ou Drumond, culpando a “negligência” da pena:

Gastei uma hora pensando  
um verso que a pena não quer es-  
crever<sup>(1)</sup>.

ou Fernando Pessoa, decepcionado com a falta de vida do “mar-poema” e das ondas, incapazes de satisfazerem a ânsia de expressão do poeta:

Que como se isto me satisfizesse!  
Que certo, seu eu, pudesse crer.  
Que esse mar e essas ondas e esse  
céu têm vida e têm ser<sup>(11)</sup>.

Ou ainda Carlos Nejar, para quem o poema é apenas uma maneira de ser-não-sendo:

Só agora é que compreendo haver  
[inventado  
tantas maneiras de não ser,  
ou de ser, dividido,  
disperso.

Ah! vida simplesmente pensada  
e não apenas vivida, ou se sonhando  
[entre mil fogos.  
e por isso despida  
de seu dom de unidade ou de sua  
[própria essência!  
Colado à sombra das coisas, viajo  
[desesperadamente  
dividido, disperso....<sup>(10)</sup>

Num dos gráficos, da série de artigos que se encerra com este estudo<sup>(3)</sup>,

tentamos visualizar a realidade poética, a saber, o “pequeno átomo” que o poeta consegue traduzir em palavras — a poesia que não é o poema mas que está no poema, aquele em que o poeta tenta traduzir em discurso verbal sua visão do universo.

Poderíamos dizer, por amor à clareza, que “o poema que o poeta escreveu” admite uma dupla classificação: aquele que reflete algo do cosmo ou traduz a cosmovisão do poeta, o verdadeiro poema, e aquele que reflete a dificuldade do poeta, e as limitações do poema para conter toda a poesia contida nos mistérios cósmicos. É então que, não conseguindo traduzir, com palavras, toda a poesia desse universo, o poeta utiliza o discurso com função metalingüística e não apenas estética, combinando as duas funções da linguagem na transmissão de uma mensagem estética e referencial ao mesmo tempo. O poema que comunica poesia e o poema que descreve a poesia sob os mais diferentes ângulos.

### 3.2 — O poema que “Alguém” escreveu

Diante da dificuldade de o poeta traduzir sua visão subjetiva do universo, com palavras, apesar de suas “mil faces ocultas”, de seu “poder de silêncio”, no dizer de Drumond, surge o apelo ao concretismo; à realização de um poema não com palavras simplesmente escritas, mas com palavras coisificadas, pois as coisas verbificadas “são frias e mortas”, não conseguem comunicar toda a Poesia.

O poeta, nas suas pesquisas estéticas, quer algo mais — uma poética cujos poemas não sejam escritos com “palavras escritas”. A palavra escrita não tem vida, é mineral:

É mineral o papel  
onde escrever  
o verso; o verso  
que é impossível não escrever.

São minerais  
as flores e as plantas,  
as frutas, os bichos  
quando em estado de palavra.

É mineral a linha do horizonte,  
nossos nomes, essas coisas  
feitas de palavras.

É mineral por fim,  
qualquer livro;  
que é mineral a palavra  
escrita, a fria natureza  
da palavra escrita<sup>(7)</sup>.

As flores, as plantas, os frutos, os bichos, a linha do horizonte, enfim, tudo, em estado de palavra, torna-se mineral, inorgânico, frio, sem vida. É dessa insatisfação do poeta diante da frieza, da inércia, das palavras que nasce a tentativa de concretização do poema, o poema — processo, tentativa de aproximar o discurso-palavra do universo que o poeta pretende traduzir, criado à imagem e semelhança de sua imaginação.

Mas não é desse poema que vamos falar; não é essa poética que vamos abordar. O “poema que alguém escreveu” é anônimo, absolutamente anônimo, não é feito de palavras, não é “mineral”. É o poema que Cassiano Ricardo deseja escrever mas não escreve, emite considerações, faz alusões a ele, descreve-o:

Quero escrever um poema  
no muro  
que dá para o amanhã.

.....  
E que o meu poema,  
seja cruelmente apócrifo,  
Apócrifo como os livros  
das Sibilas

e o Cântico dos Cânticos.  
Apócrifo como os símbolos,  
os desenhos rupestres,  
os hieroglifos, que a ferrugem  
e o musgo ilustram<sup>(13)</sup>.

O poema que Alguém escreveu é o poema escrito na “face” da humanidade, no “rosto” da história, que todos lêem, que todos pretendem interpretar, cada um a sua maneira, mas não se sabe quem o escreveu.

É o poema da dor, da miséria, da injustiça estampado no rosto do mundo. São as guerras fratricidas, cujos mentores não são identificados. É o poema que alguém escreveu nas periferias das cidades grandes, cujas palavras são miseráveis choupanas de tábuas, cobertas de lata ou folhas de zinco e cujos sintagmas são as favelas; o poema da prostituição, da fome endêmica e epidêmica que mata milhares de seres humanos anualmente; é o poema do menor abandonado, delinquente em potencial, que enche as nossas ruas; é o poema escrito com a própria vida no “rosto” da história. Alguém é o responsável por esse poema mas o seu autor não se identifica:

Ah! os poemas escritos,  
no rosto das paredes.  
Cheios de alusões,  
e de terríveis datas.  
Não se sabe por quem, e a que hora.  
Flores de espanto que o silêncio  
abafa.  
Cujo autor se ignora.  
É que só consegue  
Vicejar entre pedras,  
entre fomes e sedes, entre  
cactos e cacos azuis,  
de garrafa

Mas quem terá escrito  
o que apareceu agora  
no mundo desta rua?  
Um bêbado, um proscrito?(14)

.....

O poema que alguém escreveu nas páginas da própria vida, nem sempre é trágico, pode ser lírico ou mesmo cômico. A vida, apesar de tudo, ainda conserva o seu lado lírico, alegre, feliz, em meio à tragédia e ao ridículo que constitui sua tônica dominante. É um ato de bondade, de amor, de heroísmo anônimo que muitas vezes se escreve no livro da vida e cujo o autor não se conhece. É o sorriso estampado no rosto de uma criança que brinca em meio aos escombros das guerras, dos atos de terrorismo e imprime à desolação da paisagem um aspecto lírico de inocência e candura; poetiza uma paisagem prosaica e repugnante.

Quem escreveu o poema do Carnaval, do Samba nas ruas, da alegria e descontração que enche as avenidas, ruas e vielas de música e euforia e faz o folião esquecer a inflação, o preço do arroz e do feijão e da gasolina? Quem escreveu essas páginas de autêntica poesia viva, em que o requebro das mulatas, a coreografia espontânea e descontraída dos passistas, são sílabas, sintagmas e versos, as Escolas de Samba, estrofe: que formam um poema vivo, o Carnaval, o reinado efêmero mas autêntico de Momo? Não se sabe. Seu nome é Alguém, seu nome não tem nome. Esse poema germina e nasce como por geração espontânea.

"O poema que alguém escreveu" caracteriza-se pelo anonimato de seu autor, mas tem um sujeito agente e paciente ao mesmo tempo, sujeito indefinido, anônimo. No entanto, muitas vezes o poeta inspira-se nesse poema, procurando imitá-lo, pois o poema que o poeta escreve é apenas a imitação,

a "mímese" aristotélica desse poema-vida:

Meus versos, pedaços  
de vida, cortados  
sangrentos, molhados  
de lágrima e suor,  
À lama atirados,  
Ao mundo do olvido  
estático, esquecidos.  
Depois recolhidos  
ao leito das páginas  
do livro, hospital  
das letras, e juntos  
com outros pedaços,  
que ainda palpitam,  
de novo enxertados.  
— Diversa entidade —  
refúgio da dor,  
saudades e mágoas.

São chagas abertas.  
São vagas incertas.  
Tormentas no mar da vida.

São ecos perdidos.  
são gritos, gemidos  
de dores e medo.

Encômios, protestos,  
perdão e vinditas.

Soluços das horas,  
que choram as horas,  
defuntas deixadas  
no túmulo dos dias.

Poeira dos anos  
na estrada do tempo  
sem termo e sem tempo.  
Fumaça da vida.  
Anseio e receio.

São fuga e desculpas  
remorsos, vaidades,  
amalgama de ódios,  
tristezas, piedade.

São ritmos convulsos,  
sonidos avulsos  
das cordas partidas  
de um coração  
(a lira da vida)  
já sem vibração(4).

Todos somos responsáveis, direta ou indiretamente pelo poema que "Alguém" escreveu, seja lírico, épico, trágico ou cômico, embora sua autoria continue no anonimato:

Mas, quem foi que o escreveu?  
A estrela d'alva? Eu?  
Somos todos autores

do poema  
que Ninguém escreveu(15).

### 3.3. — O poema que "Ninguém" escreveu

Como já vimos, o poema é a manifestação, a expressão estética de um universo mítico, criado pelo poeta, é realização da poesia. Essa manifestação, de acordo com a abordagem do presente trabalho, é triplice: através do discurso linguístico escrito ou oral, através da vida e, finalmente, através da Natureza, a qual tem sido a grande Musa, não só do poeta mas também do pintor, do compositor, enfim, de todas as manifestações artísticas do Belo. Mas quem fez a Natureza quem é o responsável pela existência desse macro-poema? Ninguém, esse "Ninguém-Tudo", que alguns chamam Deus, outros Acaso, Geração Espontânea, Espaço Vazio, ou outra palavra qualquer que sirva para presentificar a ausência do Autor deste infinito poema.

Enquanto no poema-discurso que o Poeta escreveu, dá-se a coisificação das palavras, no poema que "Ninguém" escreveu dá-se a verbificação das coisas, da Natureza; é o autêntico poema concreto em que:

Uma pedra quereria dizer sol  
dormindo, trancado,  
com fagulhas que quisessem  
dizer

sílabas,  
Um osso poderia dizer flauta  
Para distrair o estômago ao  
ser ouvida.

Uma cobra  
seria, já, outra palavra que,  
em fonema de coral e negro, se  
desdobra.

Um pássaro seria outra palavra  
nascida num ramo de árvores.  
A formiga, outra palavra,  
minúscula tesoura ruiva.  
E falaríamos, só por meio de objetos,  
de coisas.

O mundo em sua nudez qual  
Deus o fez.

2  
Palavras, pequenas memórias  
de quando eram coisas virgens;  
de quando as coisas é que eram  
palavras.

Coisas ainda na unanimidade  
do mundo ainda verde, ainda

não objeto  
de discurso.

Ainda concreto.

Com sua árvore  
e seu peixe  
e seu urso.

3  
Poesia  
definição de tu-  
do:  
Poesia  
definição de tu-  
do  
a olho nu.  
Canário que saiu do dicionário<sup>(16)</sup>.

O Brasil é um grande poema, poema lírico, épico e trágico ao mesmo tempo; um poema verde-amarelo, um poema gigante que Cassiano Ricardo descreve magistralmente:

E o Brasil ficou sendo  
o que é, liricamente,  
E o Brasil ficou tendo  
a forma de uma harpa,  
geograficamente.  
E o Brasil é este poema  
menino  
que acontece na vida da gente...<sup>(17)</sup>

O Brasil -- é apenas uma estrofe desse poema, como vimos, através da palavra do mestre Cassiano Ricardo. A América é outra estância desse poema que "Ninguém" escreveu, a cordilheira dos Andes, os picos do Himalaia, as cataratas do Niágara, os "cavalos de força" de Iguaçu, as Sete Quedas de Guaíra, a cachoeira de Paulo Afonso, as imensas florestas da Amazônia, as galáxias conhecidas e desconhecidas, são estrofes e versos desse imenso poema ultraconcreto que "Ninguém" escreveu. Quando nos debruçamos sobre ele, o fazemos como "intérpretes"; quando o poeta escreve um poema inspirado nesse Poema ou macro-poema, realiza um metapoema. É por isto que Ronald de Carvalho, quando fala sobre "uma estrofe" desse poema, a América, refere-se aos poetas como intérpretes que não chegam a compreender totalmente todo o seu conteúdo semântico e estético:

Onde estão os teus poetas, América?  
Onde estão eles que não compreem-  
[dem os meios-dias  
voluptuosos,  
as tuas redes pesadas de coroas  
[eurrítmicas, que  
se balançam nas sombras úmidas,  
as tuas casas de adobe que dormem  
[debaixo dos  
cardos,

os teus canaviais que estalam e se  
[derretem em  
pingos

de mel,  
as tuas solidões, por onde o índio,  
[passa, coberto de couro  
entre rebanhos de cabras,  
as tuas matas que chlam, que trilam,  
[que assobiam, fervem,  
os teus fios telegráficos que enervam  
[a atmosfera de  
humanos,  
o martelo dos teus estaleiros,  
os silvos das tuas turbinas,  
as torres dos fornos,  
o fumo de todas as tuas chaminés,  
e os teus silêncios silvestres que  
[absorvem o espaço  
e o tempo?

.....  
Teu poeta será ágil e inocente,  
[América!  
a alegria será a sua sabedoria,  
a liberdade será a sua sabedoria,  
e a sua poesia será o vagido da tua  
[própria substância,  
América, da tua própria substância  
[lírica e numerosa.  
Do teu tumulto ele arrancará uma  
[energia submissa,  
e no seu molde múltiplo todas as  
[formas caberão,  
e tudo será poesia na força da sua  
[inocência<sup>(18)</sup>.

O poema da Natureza, o poema-coisa, o poema que "Ninguém" escreveu deve ser lido e interpretado por todo poeta para que possa provar a verdadeira poesia que "envolve o profundo da alegria, pelo fundo dos mares e do céu". É por isto que Jorge de Lima diz que "É preciso que a própria natureza/, seja nossa com sortes e açucenas;/ e ela aqui está, seus pulsos latejando/, como em tudo, provando poesia"<sup>(5)</sup>.

#### 4 – CONCLUSÕES

##### 4.1. – Parcial

No presente estudo investigamos a natureza e as diversas maneiras de ser do poema, tanto na observação das manifestações constantes do dia-a-dia da "poesia" da própria vida, dos fatos sociais na sua dinâmica irreversível, numa pesquisa que poderíamos denominar de "pesquisa de campo", bem como a Natureza como expressão de beleza e harmonia poética. Procuramos respaldo dos resultados ou constatações dessa investigação nas reflexões

metalingüísticas da poesia moderna, quando o discurso poético extrapola de sua função estética, assumindo uma função referencial ou metalingüística.

E partindo do pressuposto de que a poesia, como tal, transcende ao poeta e ao poema, embora só possa ser comunicada através do poema, ou, em outras palavras, que a poesia, como pura forma de conteúdo, carece de uma forma de expressão, que o poema precisa ser escrito (o poema como é convencionalmente conhecido), concluímos:

– A forma de expressão de poesia não é apenas o discurso verbal, isto é, que a poesia pode ser comunicada através de outros tipos de "poemas". Podemos ler a poesia de um poema escrito, mas também podemos "ler" o "poema" iconográfico do desfile de uma Escola de Samba, suas alegorias, a coreografia de seus passistas, o ritmo e cadência da música; do sorriso ou das lágrimas de uma criança; da grandeza dos oceanos ou do firmamento numa noite de luar; da harmonia cromática, beleza e pureza de uma flor, donde admitir a existência do poema escrito pelo poeta, pela vida e pela Natureza.

##### 4.2. – Geral( \*)

Resumindo as proposições que tentamos demonstrar na tese da qual foi extraído este artigo, a partir do emprego, na poesia moderna, de uma metalinguagem *sui generis*, na qual se consubstancia, embora de maneira assistemática, uma "poética" global que trata do Poeta, da Poesia e do Poema, constatamos:

– Que essa metalinguagem em que o discurso poético extrapola de sua função especificamente estética para uma função metalingüística da linguagem, descrevendo o fenômeno poético total, é constante.

– Essa tentativa de descrever o fenômeno poético na própria poesia parece revelar um estado de frustração e impotência do poeta ante a grandeza e complexidade do universo poético que ele pretende traduzir e comunicar através da palavra. Donde concluímos, diante desse desvio do discurso poético de sua função específica para uma função referencial, embora conservando a ambigüidade própria do discurso poético, que tal fato parece denotar a insuficiência das formulações da Crítica atual para explicar suficientemente o fenômeno complexo da criação poética em toda sua amplitude. E que, a

partir dessa metalinguagem, poderíamos reformular o conceito de Poética e chegar a um conceito possivelmente mais unívoco e a uma concepção mais totalizante da criação poética, a partir da modesta contribuição deste estudo e do enfoque dado ao mesmo no estudo do termo **poética**.

— Existe uma poesia **in natura** ou em estado natural, a poesia em si, que transcende ao próprio universo físico, ao poeta e ao poema, e uma poesia em estado poemático, que é a realização da poesia **in natura**, à qual está ligada a noção de **inefabilidade**, transcendência. Aquela, isto é, a poesia em si mesma, é pura forma; é a poesia corporificada no poema, forma e substância comunicante.

— A poesia resulta da interação e

interrelação tricotômica poeta/cosmo/poema. O poeta como sujeito agente, comunicador da poesia, o universo como fonte e o poema como expressão verbal ou “icônica” da poesia.

— Embora, na realidade, sejam indiscutíveis o universo psíquico do homem, do universo físico e metafísico, denominados na terminologia metalíngüística utilizada em nosso trabalho, respectivamente, de **microcosmo**, **macrocosmo** e **metacosmo**, me parece pertinente a divisão tricotômica desse universo trino, fonte da poesia, como decorrência da concepção do universo e da metodologia que têm orientado a pesquisa e as formulações da tese — (**Metapoesia**, da qual foi extraído este artigo, o último de uma série de três.

Como decorrência dos pressupostos

filosóficos e metodológicos que nortearam a pesquisa que deu origem a este trabalho, consideramos o poema não apenas o discurso poético, o poema “verbificado”, mas também a vida, o poema “coisificado” e a Natureza que consideramos um poema ultracreto, diante do qual o poeta se comporta, não como artista propriamente dito, mas como crítico na metalinguagem da poesia moderna.

— Um estudo mais profundo dessa metalinguagem da poesia moderna poderia contribuir para revisão das teorias poéticas já existentes, clássica, formalista ou estruturalista, e provavelmente para solução de problemas como a ambigüidade do termo **poética**, a confusão que se faz entre **poesia** e **poema** e a distinção entre **poesia** e **prosa** literária.

#### ABSTRACT

*The Poem – Third and last part of a Thesis – METAPOESIA – presented no Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre as part of the requirements in order to obtain the degree of full-professorship. In the present study, founded on field-work” and on the metalanguage of the modern poetry, are discussed the concept, nature and species of poems. Poem, in this research, is understood not only the conventional poem but all poetic expression (mythic) of the life and the nature. In this article is discussed particularly the poem. The written poem, verbal discourse (“the poem which Poet wrote”); the poem of the life (“The poem which Somebody wrote”), and of the nature (“the poem which Nobody wrote”).*

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, C.D. *Reunião: 10 livros de poesia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969. p. 16.
- LIMA, E.B. *Metapoesia: para uma poética da poesia. Segunda parte: a poesia*. *Semina*, 3(11): 162, 1982.
- Id. *Ibid.*, p. 164.
- Id. *Ritmos convulsos*. Curitiba, Requião, 1970. p. 0-10.
- LIMA J.de. *Invenção de orfeu*, s.l.p., Clássicos Brasileiros, 1947.
- MEGALE, H. *Elementos de teoria literária*. São Paulo, Ed. Nacional, 1974. p. 13.
- MELO NETO, J.C. de. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro, Sabiá, 1967. p. 151-52.
- MOURA, *Antologia poética*. Rio de Janeiro, INL, 1971. p. 20.
- NEJAR, C. *Ordenações*. Porto Alegre, Globo, 1971. p. 53.
- Id. *Ibid.*, p. 49.
- PESSOA, F. *Obra poética: volume único*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1965, p. 189.
- RAPOLL, L. *Antologia poética*. Rio de Janeiro, INL, s.d. p. 136.
- RICARDO, C. *Poesias completas*. Rio de Janeiro, José Olympio, s.d. p. 70.
- Id. *Ibid.*, p. 127-28.
- Id. *Ibid.*, p. 128.
- Id. *Ibid.*, p. 38-9.
- Id. *Ibid.*, p.
- Carvalho R. *Toda a América*. São Paulo, Hispano-Americana, 1935. p. 52-3.
- poesia Oswald de Andrade: trechos escolhidos. Rio de Janeiro, Agir, 1967. (Nossos Clássicos).
- ARISTÓTELES. *Poética: comentário e apêndices de Souza*. Porto Alegre, Globo, 1966.
- BANDEIRA FILHO, M.C. de S. *Antologia poética*. Rio de Janeiro, Sabiá, 1969.
- *Estrelas da vida inteira*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.
- BARTHES, R. *Novos ensaios críticos: O grau zero da escritura*. 2. ed. São Paulo, Cultrix, 1974.
- BENSE, M. *Pequena estética*. São Paulo Editora da USP, Perspectiva, 1971.
- BIBLIORUM SACRORUM: Juxta vulgatam clementinam nova editio. Editiones Pecheee, de Browver, Bonis Auris.
- BORBA, F. da S. *Pequeno vocabulário de linguística moderna*. São Paulo, Editora Nacional, Editora da USP, 1971.
- BUENO, S. *Estilística brasileira*. São Paulo, Saraiva, 1964.

#### BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, C.D. de *Reunião: 10 livros de poesia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.
- ANDRADE, O. de. *Obras coimpletas: 7 poesias reunidas*. s.l.p., Civilização Brasileira, MEC, 1972.
- *Primeiro caderno do aluno de*

12. BURKE, K. *Teoria de forma literária*. São Paulo, Cultrix, 1969.
13. CÂNDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo, Duas cidades, 1970.
14. CARVALHO, R. de *Toda a América*. São Paulo, Hispano-Brasileira, 1935
15. CIDADE, H. *O conceito da poesia como expressão de cultura*. 2. ed. Coimbra, Arménio Amado, 1957.
16. CHERRIE, C. *A comunicação humana*. São Paulo, Cultrix, 1971.
17. COHEN, J. *Structure de langage poétique*. Paris, Flammarion, 1966.
18. CRUZ E SOUZA, J. da. *Poesia*. Rio de Janeiro, Agir, 1960.
19. CUNHA, C. *Estudos da poética trovadoresca, versificação e exódica*. Rio de Janeiro, MEC, INL, 1961.
20. DAICHES, D. *Posições da crítica em face da literatura*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1967.
21. ECO U. *Estrutura ausente*. São Paulo, Perspectiva, 1970.
22. EIKCHENBAUM, C. et alii. *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre, Globo, 1973.
23. ENRVIST, N. et alii *Linguística e estilo da filosofia*. São Paulo, Cultrix, 1970.
24. FIGUEIREDO, F. de *Ideário crítico*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1962.
25. GREIMAS, A.J. *Semântica estrutural*. São Paulo, Cultrix, 1966.
26. GUARANY, W.C. & BENTZ, I.M.G. *Metacomunicação*. Bento. Gonçalves, Fervi, 1974.
27. HENGEL. *Estética: a idéia e o ideal*. Lisboa, Guimarães, 1959.
28. HUISMAN, D. *A estética*. 2 ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961.
29. JAKOBSON, R. *Linguística poética: cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1970.
30. ----. *Linguística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1960.
31. KAISER, W. *Fundamentos da interpretação e da análise literária*. São Paulo, Acadêmica, 1948.
32. LIMA, E.B. *Ritmos convulsos*. Curitiba Requião, 1970.
33. LIMA, J. de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro, Sabiã, 1969.
34. ----. *Invenção de Orfeu*. Rio de Janeiro, Agir, 1967. (Nossos Clássicos).
35. LUFT, C.P. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. Porto Alegre, Globo, 1967.
36. ----. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1967.
37. MATTOS, G. *Estilística da língua portuguesa*. Curitiba, Spell, 1969
38. MEGALI, H. *Elementos de teoria literária*. São Paulo, Editora Nacional, 1974.
39. MELO NETO, J.C. de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro, Sabiã, 1967.
40. MENDONÇA, A.S. *Poesia de vanguarda no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1970.
41. MOISÉS, M. de. *A criação literária*. 2. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1968.
42. MONTEIRO, A. *A palavra essencial*. 2. ed. Lisboa, Verbo, 1972.
43. MORAES, M.V. de M. *Livro dos sonetos*. Rio de Janeiro, Sabiã, 1965.
44. ----. *Obra poética*. Rio de Janeiro, José Aguilar, 1968.
45. MOURA, E. de *Antologia poética*. Rio de Janeiro, INL, 1971.
46. MUVEY, J.M. *O problema do estilo*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1968.
47. NASO, P.O. *Tristium*. 2.ed. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1953.
48. NEJAR, C. *Ordenações*. Porto Alegre, Globo, 1971.
49. PACHECO, A. *O sonho dos cavalos selvagens*. Rio de Janeiro, Artenova, 1967.
50. PAVIANI, J. *Estética e filosofia da arte*. Porto Alegre. Sulina, 1973.
51. PESSOA, F. *Obra poética*. Rio de Janeiro, José Aguilar, 1965.
52. PFEIFFER, J. *Introdução à poesia*. Lisboa, Europa-América, 1964.
53. PRIETO, L.J. *Mensagens e sinais*. São Paulo, Cultrix, 1973.
54. PROENÇA, Filho, D. *Estilos da época na literatura*. 2.ed. São Paulo, Luceu, 1969.
55. RAPOLL, L. *Antologia poética*. Rio de Janeiro, INL. s.d.
56. RIBEIRO, J. *Estética da língua portuguesa*. 2.ed. São Paulo Jozon, 1964.
57. RIBEIRO, J. *Páginas de estética*. 2.ed. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1963.
58. RICARDO, C. *Poesias completas*. Rio de Janeiro, José Olympio, s.d.
59. ----. *Antologia poética*. Rio de Janeiro, Sabiã, s.d.
60. RICHARDS, I.A. *Princípios de crítica literária*. Porto Alegre, Globo, 1967.
61. RIFFATERRE, M. *Estilística estrutural*. São Paulo, Cultrix, 1973.
62. SAUSSURE, F. de *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Cultrix, 1969.
63. SPINA, S. *Introdução à poética clássica*. São Paulo, FTDA, 1967.
64. TELES, G.M. *A estilística da repetição*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.
65. TODOROV, T. *Estruturalismo e poética*. 2. ed. São Paulo, Cultrix, 1971.
66. SCHAFF, A. *Introdução à semântica*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
67. SCHNAIDERMAN, B. *Poética de Maiakóviks*. São Paulo, Perspectiva 1971.
68. WELLELS, R. & WARREN, *Teoria da literatura*. 2.ed. Lisboa, Europa-América, s.d.

\* Esta bibliografia refere-se a tese integral-METAPOESIA e não apenas a este artigo (O Poema).